

## Índios quiriris perdem antigos costumes e se entregam ao alcoolismo

### Costumes

— Eu sei que Deus existe. A gente tendo fé nele é o suficiente. Não ando com padres, Bahai's ou curandeiros. Só confio em Deus e tenho minhas orações pra' ele. (Comentário da índia Romana, aparentando 50 anos).

Os moradores de uma mesma maloca não mantêm estreita relação de amizade entre si. Cada maloca tem um conselheiro que personaliza as reivindicações da comunidade na sede do posto.

Pertencentes ao grupo étnico tupi-tingim, os quiriris têm como características tribais os cabelos lisos, o nariz retangular achatado, cílios curtos e uma cor bronzeada — tipo mestiço. A língua primitiva não é mais falada; fala-se o português.

A alimentação básica é o feijão, a farinha e carne de sol. Do milho fazem pipocas, paçoca e farinha moída. A caça também é um grande meio de vida. Os adultos, de um modo geral, são fortes e rijos, mas a maioria das crianças mostram-se subnutridas.

Preocupado com a sorte dos índios o Sr. José Valdeci reconhece que os adeptos da religião Bahai's prestam um grande serviço nas comunidades, mas critica princípios filosóficos diferentes dos adotados pelos índios.

— Recentemente — diz ele — dei autorização para levarem seis índios até Salvador, mas vou comunicar o fato à 3a. Delegacia Regional da Funai — Pernambuco — (a quem o Posto de Mirandela está subordinado) pois não sei quais as intenções dos Bahai's com os indígenas.

Mais despreocupados que o Sr. José Valdeci são os próprios kiriri. Jerônimo Cerqueira, uma índia casada com branco, define a atuação dos Bahai's e das outras religiões.

— Não conheço nenhuma religião. Acredito em Deus e pronto. Não vou em culto, em missa, nem sou adepta dos curandeiros. Quando quero alguma coisa peço ao chefe do posto ou a Deus. Eles sempre me ajudam.

**S**ALVADOR (Sacursal) — O contato direto com culturas diversas, que ocorre desde o início do século XVII, vem provocando uma degeneração dos costumes dos índios quiriris de Mirandela, Distrito de Ribeira do Pombal, Nordeste baiano, que atualmente se encontra envolvidos com a paleianaça, espécie de espiritismo, religiosidade e alcoolismo.

Em consequência dessa aculturação, os quiriris, que formam o mais importante núcleo indígena da Bahia e sempre acreditaram em Meneur, deus único, perderam todas suas tradições primitivas. Vestem-se como civilizados, usam sandálias japonesas e utilizam objetos de consumo da moda, principalmente as índias, que não dispensam ruge e banos.

### Sem recurso

O chefe do posto indígena da Funai, Sr. José Valdeci Gusmão da Silva, um pernambucano que há 14 anos trabalha com os quiriris, não tem muitos meios para enfrentar a degeneração dos costumes: combate o alcoolismo, a diversidade de religiões e a miséria, tudo dentro das possibilidades. As limitações são justificáveis: os índios recebem assistência apenas de uma enfermeira e são orientados por três professoras primárias contratadas da Funai.

Os quiriris são 1.200 índios distribuídos por seis malocas — Lagoa Grande, Sacão, Cacimba, Baixa da Cangalha, Araçá e Canta Galo — e formam uma espécie de comunidade que constitui a aldeia de Mirandela. As malocas são disjuntas entre si e as casas dos índios não são agrupadas, como nas tribos tradicionais. As ocas são cabanas de adobe cobertas de palha de ouricouri, semelhantes às casas dos agricultores de fazendas nordestinas. De um modo geral são pobres e sem condições de higiene.



Quando o curandeirismo não resolve, os índios procuram a única enfermeira que assiste as aldeias e encontram remédios para ferimentos de brigas em bebedeiras ou doenças de crianças, geralmente atingidas pela desnutrição



Como Jerônimo, grande parte dos índios não se preocupam com as tradições culturais dos seus ascendentes e atualmente o arco e a flecha são usados apenas com o objetivo de decoração. Com exceção dos bodoques — feitos com arco — que são utilizados pelos meninos nas caças a passarinhos, até a cerâmica difere da primitiva.

### Os contatos

Pelo sertão da mesma Bahia, para a banda do Poente, 80 léguas de mar, pouco mais ou menos, estão de que se esvancem por uma banda e para outra, e para o sertão mais de 200 léguas, tudo povoado de tapuias." (Gabriel Soares de Sousa, Tratado Descritivo do Brasil — 1537).

Na segunda metade do século XVII (1666) formou-se uma expedição jesuítica — missão das Jacobinas — com a finalidade de catequizar os índios do Nordeste baiano. Quando a missão voltou, o irmão João de Barros ficou morando nos sertões, onde permaneceu durante 17 anos, período em que fundou muitas aldeias e tornou-se um dos estudiosos dos costumes dos índios.

Sobre os quiriris sabe-se que de um modo geral eram pacíficos, tinham sentimentos elevados sobre a família, eram moníndrosos e individualistas. Menerur era o deus único e Ngiros os seres inferiores. Menerur foi o pai de dois filhos — Quenbabaré (Een Ba Bare) e Uariquidzã (Ua Riquidizã), o criador de Cemacuré — o homem.

A partir de 1693, segundo referência encontrada no livro do padre Serafim Leite sobre a Companhia de Jesus, já não se fazia menção de Menerur, mas de Uariquidzã. Nas festas a esse deus os índios pintavam os corpos nus, e a cerimônia central era realizada numa cabana sagrada, onde dançavam, bebiam e faziam orações. Os primeiros passos para destruir as tradições dos quiriris foram dados pelos jesuítas, que na tentativa de torná-los cristãos, mandavam queimar as cabanas sagradas.

Em 1897 o culto a Uariquidzã já se chamava culto do Imperador. Dal em diante o distanciamento entre os índios e os seus deuses primitivos foi aumentando. Em Mirandela os jesuítas, com a ajuda dos índios catequisados, construíram uma igreja, onde atualmente alguns deles e a população civilizada cultuam o Senhor de Ascensão. Mesmo com a construção da igreja, orientados pelos Pajés, alguns kiriri, continuaram a adorar Cemacuré. Com a perseguição feita pelos civilizados foram interiorizando-se, descentralizando-se, e atualmente comemoram apenas o dia do Padroeiro de Mirandela — Senhor de Ascensão e o Dia Nacional do Índio, 19 de abril.

### Pajelança

Em consequência dessa fusão de religiões, permaneceu a pajelança — espécie de curandeirismo. A índia Dalva Maria de Jesus, conhecida na região como Dalva, é o guia espiritual e médica da Maloca de Lagoa Grande. Segundo ela seu pai era um grande curador. O seu nome, Anjo da Hora, tornou-se grande pelo saber. Depois da morte do pai, Dalva começou a sentir mániak tações, arrepios, tontelas.

— Uma noite — conta — sonhei que um navio ia afundando e que meu pai ia morrer afogado. Quando ele estava pra morrer, uma voz rouca me disse, "você tem que continuar no meu lugar."

Desse dia em diante, Dalva afirma que só conseguiu ficar boa após pagar uma promessa e ficar no lugar do pai.

Utilizando ervas do Sr. Jorge Iemanjá, São Sebastião e Santa Luzia como guias, e como objetos de manejo — búzios, velas e incenso — ela concentra-se, recebe as manifestações e passa a receita ao paciente. Para Venancio Oliveira, um agricultor civilizado que visitava Dalva dizendo que sua mulher estava com enxaqueiras, passou o remédio: misturar três palhas de vassourinha com três pés de maracujá poca. Pisar, ferver e fazer uma mistura com água. Depois de preparada a mistura tomar um banho com o líquido. Como complemento, o paciente deve pegar uma garrafa de vinho branco moscatel, misturar com uma colher de gigilinho e um vidro de saúde da mulher. Depois de feito a mistura, ferver e tomar duas colheres ao dia, agitando sempre na hora de usar.

### A assistência

— Eu fiz um ninho para co'ocar oito ovos. A professora disse que não cabia. Eu disse que cabia. Ela investiu e eu reduzi o tamanho dos ovos. Será que a professora não conhece beija-flor? (Explicação de um dos melhores alunos da escola da Lagoa Grande, Antônio José, seis anos).

O trabalho feito pelas professoras Maria José, Sônia e Maria da Glória, pela enfermeira Carmelita Borges Nascimento e pelo chefe do Posto, Sr. José Valdeci, tem sido valioso para os quiriris. As Marias — José e da Glória — moram num pequeno apartamento construído no fundo da escola na maloca Lagoa Grande. O apartamento é pequeno não tem luz, água encanada, e as dependências do sanitário e cozinha são razoáveis. Tanto Maria da Glória como Maria José não têm medo de morar na maloca e dizem que nunca foram perseguidas pelos índios.

As professoras consideram os índios inteligentes. Diz Maria da Glória: "Eu gosto de ensinar aos índios. Além da compensação financeira (ganha Cr\$ 320.00 por mês), eles são tímidos, obedientes e estudiosos. O comportamento dos índios na sala de aula me deixou impressionada e até hoje não consigo entender como ficam tão quietos! Não gostam de dias feriados, domingos e educação física. Preferem ler, escrever e cantar."

As instalações das salas de aulas — duas na Lagoa Grande e uma no Posto de Mirandela — são boas. Os móveis são modestos, há quadro-negro e as professoras não se preocupam muito com os métodos didáticos. Outro trabalho de grande importância para a comunidade indígena é feito pela enfermeira Carmelita Borges do Nascimento, que atende diariamente 30 a 40 índios, fazendo curativos, dando injeções e ensinando certos hábitos de higiene.

Mas a situação difícil quem enfrenta é o chefe do Posto, Sr. José Valdeci. Além de evitar que os brancos tomem as terras dos índios, que destroem a fauna e flora, o problema mais grave é a embriaguez. Diz Valdeci: "Já baixei portaria em todos os bares e vendas de Mirandela proibindo a venda de bebida alcoólica aos índios, mas não adianta. Quanto mais eu falo mais eles vendem. Como não tenho meios de reprimi-los, fica por conta de Deus."

# CEEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal de Brasil

Class.:

03

Data:

19 e 13/12/74

Pg.:

38 (1º Caderno) - cont.